

NAS TRAMAS DO RAP NACIONAL: HISTÓRIAS DE RIMAS E BATIDAS

IN THE PLOTS OF NATIONAL RAP: HISTORY OF RHYMES AND BEATS

Carolina Vasconcelos Pitanga*

TEPERMAN, Ricardo. *Se liga no som: as transformações do rap no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2015, 177 p.

Se liga no som: as transformações do rap no Brasil é um livro lançado recentemente pelo selo Claro Enigma, publicação do grupo editorial Companhia das Letras. O livro faz parte da Coleção Agenda Brasileira, que tem aglutinado outros títulos voltados a pensar o Brasil e suas especificidades históricas, sociais e culturais, como por exemplo: *Nem preto nem branco, muito pelo contrário* Lilia Moritz Schwarcz (2012); *As figuras do sagrado: entre o público e o privado na religiosidade brasileira* (Maria Lucia Montes)(2013); *Índios no Brasil: história, direitos e cidadania* (Manuela Carneiro da Cunha) (2012); e *Cidadania,*

um projeto em construção: minorias, justiça e direitos (Orgs. André Botelho e Lilia Moritz Schwarcz) (2012).

A publicação é de importância fundamental se for considerada a recente ascensão do *rap* e do movimento *hip hop* na cena artística brasileira. O crescimento do número de artistas ligados ao *rap* e a divulgação dos seus trabalhos nos principais meios de comunicação remetem à necessidade de pensar as possíveis origens desse gênero musical e sua disseminação pelos quatro hemisférios. Como se não bastasse a riqueza e a novidade referentes aos seus elementos endêmicos, nota-se que o

* Doutoranda em Ciências Sociais na Universidade Federal do Maranhão – UFMA (São Luís/MA/Brasil). Pesquisa, atualmente, a construção do gênero nas campanhas publicitárias e realiza estudos dentro da Sociologia da Imagem. carol.pitanga@yahoo.com.br.

rap, enquanto gênero musical e expressão, suscita uma série de questões relacionadas aos processos de criação e à diversidade de vivências artísticas experimentadas pelos seus produtores.

De modo geral, ao pensar no *rap*, uma série de imagens nos vêm à cabeça: garotos com um visual próprio, com bonés de aba reta, calças largas, blusas com mensagens, atitude violenta etc. Mas que gênero musical é esse, saído do meio *underground*, em que predominava a crítica à indústria do entretenimento, e que atualmente tem tomado conta das principais festas de jovens da classe média e marcado presença nas principais rádios e nos canais televisivos?

Com o intuito de pensar essas e outras questões, o livro de Ricardo Teperman nos ajuda a compreender um pouco mais algumas nuances e idiosincrasias do *rap*, considerando sua recente atuação como produto no mercado musical.

Utilizando-se de uma redação acessível e estimulante, o autor percorre localidades e temporalidades diversas com o intuito de apresentar o caráter singular e multifacetado do *rap* ao longo de sua história.

Logo de início, o livro desconstrói noções arraigadas sobre música e os seus diferentes gêneros. Ao colocar a música – ou melhor, os sons – como elemento constituinte das relações cotidianas, Ricardo Teperman nos orienta a adentrar o universo do *rap* considerando o significado dos principais termos falados e os contextos sociopolíticos que engendraram o mítico surgimento do movimento *hip hop*.

Levando em consideração as histórias sobre o nascimento do *rap* – que ocorreu possivelmente no distrito de Nova York chamado Bronx, conhecido por ser a área com os menores índices sociais da cidade, na década de 1970 – até o surgimento da

nova escola do *rap*, o autor define o *rap* como algo que problematiza e reorganiza os aspectos clássicos da produção musical no que se refere à produção, à disseminação e ao consumo da música. Esse é, justamente, o elemento surpresa do livro: suscitar questões sobre a música e, sobretudo, perceber o *rap* enquanto expressão musical que está além das fronteiras de classificação da indústria fonográfica.

Esse aspecto se torna mais evidente nos capítulos “*Rap é música?*” e “Originalidade da cópia”. No primeiro, Teperman nos apresenta não só os aspectos musicais (como a produção dos *beats* e das rimas) que norteiam o processo de criação do DJ e do MC, mas também aprofunda uma discussão sobre como o *rap* faz da música um instrumento de transformação. Nesse sentido, longe de tentar compreender o *rap* simplesmente a partir de suas características internas, o autor relativiza a ideia de música pura e erudita, defendendo a seguinte premissa: a música, de um modo geral, e o *rap*, especificamente, não podem ser reduzidos à categoria de “apenas música”. A música não é totalmente autônoma, ela faz parte desse estar no mundo.

No capítulo seguinte, “Originalidade da cópia”, há um deslocamento da questão “*Rap é música?*” para “Essa música é ou não *rap?*” que foi exemplificado a partir do caso de dois *rappers*: o estadunidense Vanilla Ice (*rapper* branco sem vínculo com os guetos, que subiu ao pódio das paradas da Billboard em 1990) e o brasileiro Gabriel O Pensador (também branco e oriundo da classe média, que alcançou sucesso sem obter reconhecimento nas esferas de legitimação dos *rappers*). A polêmica toda gira em torno do fato de as músicas produzidas por músicos negros (como o *jazz*, o *blues* etc.) acabarem tendo mais divulgação

quando atingem as camadas brancas e mais abastadas da sociedade. As consequências disso são, primeiramente, as acusações de falta de legitimidade da música que, no caso brasileiro, recaem sobre a ideia de que o *rap* seria uma cópia de um movimento originalmente nascido nos EUA.

Nos capítulos seguintes, Teperman discute mais especificamente sobre os caminhos percorridos pelo *rap* no Brasil, considerando os grupos que conseguiram uma maior projeção no território nacional, tornando-se grandes referências para o *rap* nacional; entre eles estão os grupos Racionais MC's, Fação Central, 509-E e o *rapper* GOG. Na década de 1990, a posição crítica – em relação à indústria do entretenimento e à mídia, as letras que remetem às cenas de crime e o discurso carregado de análise social em relação às periferias do país, que constituem o conteúdo dos principais grupos de *rap* – pode ser vista como um pano de fundo para a compreensão da forma como o *rap* era visto como algo marginalizado e feito com base em um conteúdo radical e contestatório.

De acordo com o autor, é a partir dos anos 2000 que acontece o surgimento do que costuma ser chamado de “nova escola” do *rap*. O estilo *gangsta* e o *rap ostentação*, o aumento da participação feminina no universo dos MC's, o *rap* produzido por indígenas (os Brô MC's misturam português com guarani e dão continuidade ao caráter crítico que costuma caracterizar a música *rap*) e a recente liberdade nas fronteiras do *rap* com outros gêneros musicais são alguns dos pontos apresentados no decorrer do livro e que, certamente, são o resultado de uma reflexão bastante lúcida sobre a mudança na forma de pensar e fazer *rap*.

A divergência entre as posturas legitimadas pela dita “cultura de rua” e as pos-

sibilidades dadas pela indústria do entretenimento são reformuladas nas propostas de *rappers* como Cabral e Emicida. Os *rappers* da chamada “nova escola”, apesar de continuarem pautando suas rimas e atitudes a partir dos elementos ditos “da rua”, constroem uma carreira mais aberta às investidas do mercado e da grande mídia. Emicida e Criolo, por exemplo, que têm origem nas periferias de São Paulo e que alcançaram reconhecimento do grande público e do mercado, atualmente participam de reportagens em revistas conceituadas, são entrevistados em programa de televisão, recebem prêmios por suas músicas e realizam parcerias com cantores consagrados na MPB.

Se a atitude em relação ao *rap* mudou, é necessário pensar que houve, no Brasil, uma mudança também nas condições de vida de grande parte da população. É esse ponto que Teperman destaca ao refletir sobre o atual crescimento do *rap* como gênero musical voltado para o mercado. O *rap* já não é tão marginalizado como nos anos 1990, porque diversas transformações ocorreram no Brasil, tanto em relação aos aspectos econômicos quanto em relação ao acesso à educação e moradia por parte dos menos abastados.

Nesse sentido, a preocupação atual dos produtores é que o *rap* tenha mais espaço no mercado da música, que os grupos possam viver a partir da venda de álbuns e shows e que o *rap* seja ouvido não só nas periferias, mas em todo o território brasileiro.

Sendo assim, deve-se destacar que o livro é uma leitura obrigatória para quem se interessa não só pelo *rap* em si, mas pelos meandros da produção musical, em geral. Ao expor determinados conflitos e indefinições que envolvem a produção do *rap* no Brasil, e ao mesmo tempo trazer problematizações sobre o contexto social e cultural no

qual esse gênero musical está sendo produzido, Teperman nos oferece a possibilidade de compreender a complexidade que envolve o *rap* que, longe de ser apenas mais uma expressão musical, é, sobretudo, um meio de transformação da realidade social.

Recebido em: 16/02/16
Aprovado em: 10/06/16